



**Universidade Federal do Amapá – UNIFAP**  
**Departamento de Educação a Distância**  
**Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino**  
**Médio**



**MANOEL OLIVEIRA CABRAL**

**POR QUE ENSINAR FILOSOFIA? Desafios e motivações para professores nas escolas  
de ensino médio no município de Santana - Amapá**

Macapá/AP  
2018

**MANOEL OLIVEIRA CABRAL**

**POR QUE ENSINAR FILOSOFIA? Desafios e motivações para professores nas escolas de ensino médio no município de Santana - Amapá**

Artigo apresentado ao programa de Pós- Graduação – Departamento de Educação à Distância como requisito para conclusão do Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, na Universidade Federal do Estado do Amapá, sob a orientação do professor Msc. Antônio Almeida Rodrigues da Silva.

Macapá/AP  
2018

## **Resumo**

O propósito deste trabalho foi realizar um estudo exploratório sobre a Filosofia no ensino médio: seus desafios e perspectivas. Mesmo sendo uma disciplina obrigatória neste período da formação do estudante, esse conhecimento enfrenta desafios e dificuldades quanto a sua práxis escolar. Ainda que seja reconhecida como uma disciplina transformadora e emancipadora, ela permanece limitada por impasses curriculares, tais objeções por vezes reduzem seus objetivos. Como abordagem metodológica, optou-se por realizar uma pesquisa descritiva utilizando formulários contendo quatro perguntas estruturadas que foram aplicadas a quatro professores com formação superior em Filosofia, ministrantes dessa matéria em quatro escolas diferentes pertencentes à rede pública estadual no município de Santana Estado do Amapá. Os esforços desta pesquisa se concentraram na obtenção de dados e estudos bibliográficos em artigos, anais, monografia, e teses. Para a contextualização teórica da pesquisa procedeu-se uma breve explanação relacionada à exclusão e à inserção obrigatória dessa disciplina na base escolar por meio dos instrumentos constitucionais organizadores, como a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Aponta-se também a importância da Filosofia, seu papel, seu ensino e o método aplicado. Na discussão, foram abordados os instrumentos metodológicos aplicados pelos professores na sala de aula como forma de motivar a participação dos alunos nos assuntos filosóficos. As considerações finais apontam para os desafios que motivam os ministrantes da Filosofia, considerando a necessidade de ajustes no desenho institucional e aplicação do processo de inserção desta disciplina na formação educacional.

**Palavras chave:** Ensino; Filosofia no Ensino Médio; Escolas de Santana; Amapá.

## **Abstract**

The purpose of this work was to accomplish an exploratory study about Philosophy in High School: challenges and perspectives. Even though it is a compulsory subject in this period of students' formation, this knowledge faces challenges and difficulties regarding its school praxis. Although it is recognized as a transforming and emancipatory discipline it is limited by curricular impasses, and such objections sometimes reduce its goals. As a methodological approach, it was decided to carry out a descriptive research using forms containing four structured questions that were applied to four teachers with higher education in philosophy, who teach this subject in four different schools that belong to the state public network in the Municipality of Santana, in the state of Amapá. The efforts of this research were focused on obtaining data and bibliographic studies in articles, annals, monographs, journals and theses. For the theoretical contextualization of the research, a brief explanation was made regarding the exclusion and compulsory insertion of this discipline in the school base through the constitutional organizing instruments, such as the Law of Directives and Basis of National Education (LDBEN) and the National Curricular Parameters (PCNs). The work also points out the importance of philosophy, its role, its teaching and the applied method. In the discussion the methodological tools applied by the teachers in the classroom were approached as a way to motivate the students' participation in the philosophical subjects. The final considerations point to the challenges motivating teachers of philosophy, considering the need for adjustments in the institutional design and application of the process of insertion of this discipline in the curriculum in this stage of educational formation.

**Keywords:** Teaching; Philosophy in High School; Schools of Santana; Amapá

## **Introdução**

Considera-se a década de 1970 como o período que marcou o início da luta histórica pelo lugar da Filosofia no ensino médio no Brasil. Essa luta teve seu início a partir do momento em que por força da Lei Nº 5.692/71, essa disciplina foi retirada do currículo da Educação Básica. Mesmo assim a luta não parou e na década de 1980 esses esforços ganharam mais forças após vários congressos nacionais e regionais, além de encontros e seminários que buscavam mudar tal decisão. Tais movimentos contestavam a exclusão da Filosofia dos currículos e o caráter escolástico no qual foi envolvida essa disciplina no Brasil. Ou seja, a luta era também pela volta de uma Filosofia mais crítica.

Nas duas décadas seguintes, por orientações dos Conselhos Estaduais de Educação alguns Estados brasileiros inseriram a Filosofia nos seus currículos. Nesse mesmo período, um razoável número de livros didáticos e materiais para o professor de Filosofia foram publicados. A partir de 2008, a Filosofia juntamente com sociologia tornou-se obrigatória nos três períodos do ensino médio. O seu retorno desencadeou um processo importante na nova configuração que essa disciplina passou a ter na educação brasileira.

É impossível negar a importância da Filosofia na formação básica. Essa disciplina quando associada às demais existentes na grade curricular contribui de forma positiva na formação, fundamentação e compreensão das múltiplas realidades apresentadas ao jovem educando.

Cabe à Filosofia o papel de despertar no aluno um novo olhar ao mundo. Ela não tem a finalidade de responder a tudo, mas sim, provocar no estudante a necessidade de perguntar-se e questionar-se sempre, essa é uma das grandes contribuições da filosofia para a formação básica.

O ensino médio é a etapa finalizadora da educação básica. Para a Lei de Diretrizes Básicas (LDB), esse período da aprendizagem tem o objetivo de consolidar e aprofundar a formação do educando e prepará-lo para o trabalho e cidadania. Assim sendo, sua finalidade é oferecer ao estudante condições necessárias para uma formação ética e intelectualmente autônoma, capacitando-o para compreender os fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos.

Certamente que não se trata de uma tarefa simples, assim como não é de exclusiva responsabilidade da escola. Entretanto, tal definição parece refletir o papel e a

responsabilidade da Filosofia na formação do jovem estudante, pois cabe a essa disciplina o dever de orientar o desenvolvimento crítico essencial para o exercício da sua autonomia.

Mesmo entendendo que algumas diretrizes estabelecidas no currículo do ensino médio definidos na LDB apresentem atributos característicos à Filosofia, para alguns educandos essa disciplina ainda é vista como desconhecida ou desnecessária, talvez sejam reflexos dos diversos períodos nos quais ela foi retirada da formação básica.

Considerando o exposto, o objetivo deste trabalho foi proceder uma imersão exploratória sobre o ensino da Filosofia em algumas escolas de ensino médio na cidade de Santana (Estado do Amapá-Brasil). Neste trabalho buscou-se identificar os desafios que se tornam motivadores para os professores ministrantes dessa disciplina nas referidas escolas.

O presente trabalho justifica seu interesse em realizar esta pesquisa ao perceber que a Filosofia nas escolas brasileiras ainda sofre restrições que refletem negativamente quanto a sua importância para o educando.

Após essa introdução, faz-se uma breve exposição dos procedimentos metodológicos que direcionaram esse trabalho de natureza exploratória. Para em seguida discorrer sobre a contextualização teórica que norteou a investigação proposta, a apresentação e discussão dos resultados encontrados e por fim tecer as considerações finais.

## **Metodologia**

Os esforços para alcançar os objetivos deste trabalho, produto de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, foram concentrados na busca de levantamento e coleta de dados por meio de entrevistas, estudos bibliográficos como artigos, dissertações, livros, monografias e teses. Para as entrevistas, foram utilizados formulários com perguntas estruturadas envolvendo quatro (4) professores com formação superior em Filosofia e ministrantes dessa matéria em quatro (4) escolas diferentes pertencentes à rede pública estadual de ensino médio do município de Santana no Estado do Amapá. As perguntas foram direcionadas ao ensino da Filosofia no ensino médio, considerando a relação professor/disciplina/aluno e sala de aula. Assim foram estruturas no formulário, conforme quadro N° 1.

Quadro N° 1 - Formulário de entrevistas.

<b>Formulário</b>
1- Quais os desafios de se ensinar Filosofia?
2- Como ensinar a Filosofia no ensino médio?

- |                                                                                                                                                                          |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 3- As disciplinas Matemática, Língua Portuguesa, História e outras já estão consolidadas no imaginário escolar. Neste contexto, a Filosofia ainda é vista como estranha? |
| 4- Ensinar para quem a Filosofia? Como conciliar os conhecimentos produzidos pela Filosofia e as mais distintas situações encontradas nas salas de aula?                 |

Fonte: Próprio autor.

Foram preservados de publicação as identidades dos entrevistados, assim como as escolas nas quais exercem suas atividades profissionais. Para tanto, optou-se identificar os formulários respondidos por meio da sigla PE (professor/escola), seguida por uma numeração iniciando com o número um (1) ao número quatro (4), referente aos quatro professores entrevistados e suas escolas. Logo, PE1, PE2, PE3, e PE4 os identifica.

### **Contextualização Teórica**

Durante vários anos os progressos e retrocessos marcaram a história da Filosofia no ensino médio brasileiro, ou seja, ora esse conhecimento era incorporado como disciplina, ora era retirado da formação básica escolar. Sobre este contexto, Favaretto (2013), salienta que somente a partir da década de 1920 a 1930, a Filosofia começou a integrar ainda de forma muito tímida o currículo escolar, mesmo assim, não era incorporada como disciplina, figurava apenas como conhecimento complementar, lógica, história da Filosofia ou moral.

Na década de 1960, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN), por determinação do Ministério da Educação, foi obrigada a reconfigurar o currículo escolar visando atender aos cursos definidos naquela época por “científico ou colegial”, ainda assim, a Filosofia foi contemplada apenas como disciplina optativa. Entretanto, naquele mesmo período várias escolas da rede privada de ensino entendendo a importância dessa disciplina a incluíram em seus currículos.

No ano de 1971, a Filosofia sofreu a sua maior adversidade, após ser aprovada a Lei Nº 5.692/71 essa disciplina foi excluída do currículo do ensino médio. Afirma Soares (2012) que naquela época os dirigentes políticos impuseram um programa de modernização apoiado na repressão severa contra qualquer mobilização de oposição. Logo, todas as práticas educativas consideradas como formadoras de opinião pública foram excluídas do currículo escolar da educação formal.

Vinte anos após a exclusão, mais precisamente no ano de 1990, a (LDBEN) promove o retorno da Filosofia ao currículo do ensino médio determinando que, “ao final do ensino

médio, o estudante deveria apresentar domínios temáticos da Filosofia e da Sociologia, considerando estes conhecimentos necessários ao exercício da sua cidadania”.

Mesmo diante da determinação exigida pela LDBEN, segundo (SÁ JUNIOR; BIELLA, 2012), a Filosofia não consegue ocupar mais do que o espaço de aprendizagem secundária, isto é, mantendo-se no grupo de temas transversais no ensino médio.

A discussão acerca da importância da Filosofia no final da escola básica só volta à cena em 2001 a partir da aprovação no Congresso Nacional do Projeto Lei Nº 3.178/97, que tornaria obrigatórios os ensinamentos de Filosofia e Sociologia no ensino médio. Porém, esse projeto foi vetado, sob a justificativa de que não teria a quantidade suficiente de professores formados em Filosofia que atendesse as demandas que surgiriam a partir da inclusão dessa disciplina no ensino básico.

Em seu artigo, *Filosofia no Ensino Médio e seu professor*, Tomazetti afirma que tal decisão provocou um processo de reflexão sobre o ensino e a importância da Filosofia, suas exigências, dificuldades, forma e conteúdo, além de discussões de novas políticas para a formação de professores e, nesse contexto, a formação inicial do professor de Filosofia dentro de um curso que mesmo sendo de licenciatura, muitas vezes enfatizava a formação para a pesquisa em detrimento da preparação para a docência.

### **O papel da Filosofia no Ensino Médio**

A Filosofia motiva no estudante o conhecimento, integrando-o a um projeto de compreensão existencial e de transformação consciente. Da mesma forma que a Matemática, a História e outras disciplinas, ela também construiu teorias que interpretam as mais diversas particularidades da experiência humana, o aprendizado desses conteúdos têm grandes importâncias para a formação cultural e intelectual do estudante.

No *Seminário A Filosofia no Ensino Médio: legislação e conteúdo programático (III)*, promovido pelo Núcleo de Ensino (2003), na cidade de Limeira (SP), o professor Silvio Gallo alertou para existência de um antagonismo em relação aos propósitos da Filosofia no processo educacional brasileiro, visto que, mesmo com resultados de pesquisas e muitas publicações, na prática essa disciplina tem sido cada vez mais isolada dos currículos, não lhe sendo dada a merecida importância. O professor Silvio Gallo está se referindo a própria constituição dos currículos do ensino médio que deixam essa disciplina praticamente afastada como se ela não

fizesse parte do ensino formal, esquecendo o seu papel fundamentalmente para a formação do jovem.

Cotrim (1988), afirma que o papel da filosofia é desenvolver no aluno o senso crítico, que o ajude a superar as concepções ingênuas sobre os homens, a sociedade e a natureza. Para esse autor, essas concepções são alteradas por uma ideologia social dominante.

A Filosofia teve o seu espaço garantido no ensino básico somente a partir do ano de 2008, com a Lei Nº 11.684/2008 que traz o artigo Nº 36 da Lei de Diretrizes e Bases Nº 9.394/96, que a reintegra ao ensino médio brasileiro, determinação que permanece até os dias atuais com disciplina obrigatória no ensino formal.

Segundo Tomazetti (2012), a tão esperada presença obrigatória desta disciplina no ensino médio não encerrou as discussões. Na verdade, surgiram outras preocupações como, Qual seria a formação e o perfil do professor de Filosofia? Como ensinar essa matéria no ensino médio? Qual seria a melhor metodologia para ministra-la em um contexto de carga horária reduzida?

### **Sobre o ensino da Filosofia e o método**

Da mesma forma que todas as outras disciplinas a Filosofia necessita de um método, uma forma para que ela seja aplicada e entendida pelos alunos. Assim sendo, vários autores se preocupam quanto a forma de ensinar a Filosofia, entre eles, Sócrates foi um autor que preconizou o diálogo e a reflexão como o melhor método para ensinar a Filosofia. O diálogo referido por Sócrates é aquele que acontece entre dois amigos que buscam atingir a verdade dos problemas a que se dispõem discutir e refletir. Veloso (1968) esclarece o método proposto por Sócrates:

A verdade já está em nós, defenderia Sócrates, apenas que, enfaixadas nos cendrais e véus da ignorância, cumpre desnudá-las dessas vestiduras, por meio de uma reflexão ferrenha e perseverante e pela comunicação com os outros, pelo diálogo. Filosofia é comunicação e diálogo, pela participação e convivência, controvérsia e polêmica com os demais.

Em sua concepção metodológica para o ensino da Filosofia, Gallo (2012) defende três características como especificidades do ensino deste conhecimento e que podem despertar o interesse do estudante:

Pensamento conceitual: enquanto saber, ela é sempre produto do pensamento, é uma experiência do pensamento. Caráter dialógico: ela não se caracteriza como um saber

fechado em si mesmo, uma verdade dogmática. Crítica radical: a atitude filosófica é a da não conformação, do questionamento constante, a busca das raízes das coisas, não se contentando com respostas prontas.

O professor Silvio Gallo recomenda como método que a aula de Filosofia precisa ter um caráter prático, investigativo, dinâmico, sem cair no senso comum, no “opinionismo” e sem perder a dimensão estritamente filosófica do conceito, para esse autor essa é também uma forma de tornar a disciplina do dia a dia tanto do aluno como do professor.

Uma das incertezas que pairou sobre o ensino da Filosofia foi quanto ao perfil do professor dessa matéria, ou seja, o desempenho ou performance desse professor na sala de aula. Aspís (2004) considera que a partir de sua experiência na sala de aula, o professor coloca-se como referência para os alunos, buscando encontrar as saídas filosóficas para os problemas abordados. Esse é o perfil do professor de Filosofia Diz a autora. Completa Aspís, Isso só não será possível por um déficit de integração entre os conhecimentos pedagógicos e filosóficos, ou por falta de formação, visto que, a maioria dos professores que ensinam filosofia na rede pública não têm formação filosófica.

### **A Filosofia no espaço escolar do ensino médio**

Uma hora aula semanal, esse é o espaço temporal para a Filosofia marcar o seu lugar no ensino médio. A presença das demais disciplinas é tida como natural nas escolas. Todavia, para a Filosofia há sempre alguns questionamentos como: Para que e por que estudar Filosofia? Qual a finalidade desta disciplina na formação do aluno?

A pesquisa acompanhou algumas aulas dessa disciplina e observou que mesmo diante de todos os esforços dos professores na busca de motivar o alunos quanto a importância desse conhecimento no seu dia a dia, visto que, ele pode tornar mais compreensivo e questionável a sua relação com o mundo que o cerca, ainda era possível perceber que alguns não demonstravam tanto interesse nas aulas, mas participavam.

As perguntas levantadas pelos alunos acabam levando professores também a se questionar-se: Qual seria um melhor encontro da Filosofia com a escola? Como pensar na educação de forma filosófica, crítica dentro da escola? É possível uma nova presença da Filosofia no ensino médio?

Gontijo (2003) afirma que pensar em Filosofia no cenário escolar é um grande desafio, visto que, se de um lado temos diversas concepções de filosofia existente na prática dos docentes, de outro, especificamente na escola de nível médio, tem-se as dificuldades próprias a

toda educação, porque a escola se constitui um instrumento a serviço do mercado de trabalho, dos vestibulares e dos concursos.

(Chauí, 1995) considera que esse modelo de escola não está preparado para articular saberes. Seu interesse é transmitir saberes e conhecimentos poucos especializados, que servem somente para atender as imposições de um modelo de sociedade que só compreende a importância daquilo que tenha uma finalidade prática. Na concepção dos dois autores as escolas do ensino formal nos dias atuais não estão preocupadas em preparar os alunos para adquirir conhecimentos que contribua para a sua constituição cidadã, mas sim, direcionando o educando para a vida profissional, para o mercado do trabalho, finalidade já expressa pela própria LDBEN.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) define as competências e habilidades específicas que as disciplinas devem desenvolver na última etapa da educação básica.

Logo, as competências específicas definidas para a Filosofia, exigem que ao final do ensino médio os estudantes deverão ter desenvolvido leitura de textos filosóficos de modo significativo, articular e contextualizar conhecimentos filosóficos de diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas.

Percebe-se que a justificativa dos PCNs, marcam o espaço da Filosofia no ensino médio amparando-se na relação que deve existir entre o saber e o objetivo entendido como o mais geral, que é, a promoção da educação e cidadania.

## **Resultados e Discussões.**

A escola não pode ser considerada como o único espaço para o ensinar. Na verdade, ela é também um ambiente de construção de conhecimentos e saberes, onde o aluno aprende a ser cidadão crítico, participativo e atuante.

Esta é a relação do professor com a aprendizagem, onde as dificuldades devem ser superadas pelo desafio de um ensinante para com os seus educandos. Gallo considera que o professor é um mediador, um organizador de condições externas, um facilitador e provocador do desenvolvimento do ato de aprender. O seu mister não é induzir valores, dogmas, mas sim despertar os jovens para a reflexão filosófica, (GALLO, 2002).

A partir desta contextualização do professor Silvio Gallo, a pesquisa inicia a sua investigação para saber dos professores que participaram desta pesquisa, quais os desafios que

os motivam ao ensino da filosofia para os seus alunos. Dessa forma, a primeira pergunta é: Quais os desafios de se ensinar Filosofia? Quadro N° 2.

Quadro N° 2 – Primeira pergunta da pesquisa.

<b>Quais os desafios de se ensinar Filosofia?</b>
“Pelo desafio mesmo de ensinar, por querer desmistificar a ideia de que a disciplina é menos importante.” <b>(entrevistado, PE1).</b>
“Penso que ser professor principalmente de filosofia é um desafio que motiva, pois diretamente trabalhamos com adolescentes e estes necessitam ter clareza para desenvolver sua criticidade.” <b>(entrevistado, PE2).</b>
“Foi o meu professor de filosofia de ensino médio que me influenciou nessa escolha quando comecei estudar Filosofia Antiga, me apaixonei pela disciplina, fui desafiada ao ensino dessa disciplina pela sua importância na formação dos jovens.” <b>(entrevistado, PE3).</b>
“Pelo fato de tentar clarividenciar os fatos adjacentes, a vida dos alunos para que os mesmos possam escolher as boas ofertas da vida.” <b>(entrevistado, PE4).</b>

Fonte: Próprio autor.

Percebe-se que, mesmo diante das dificuldades, estes educadores buscam sempre garantir aos alunos a melhor condição para a construção do saber. Estes professores enfrentam o desafio na construção do conhecimento, na desmistificação da ideia de menor importância da disciplina, cuja finalidade é desenvolver a criticidade dos alunos.

Ser professor é ir além do ensinar, a sua atuação deve perpassar o espaço da sala de aula. Diz Tomazetti, (2002) que o ato de ensinar requer que exercitemos com os nossos estudantes a capacidade subjetiva de abertura para novos mundos e para novas situações até então desconhecidas.

Sobre o ensino de Filosofia e sobre o estímulo de ser um professor desta disciplina Cerletti, (2003) reitera,

Um professor de Filosofia é aquele que, acima de tudo, consegue construir um espaço para problematizar e compartilhar com seus alunos. Ensinar Filosofia é acima de tudo ensinar uma atitude diante de uma realidade e das coisas, por isso, o professor deve ser sempre coerente com esta maneira de orientar o pensamento.

Quando se pensa a proposta didática para o ensino da Filosofia no ensino médio, é necessário refletir a relação que se estabelecerá entre o professor como sujeito orientador e o aluno na condição de orientando. Não podem ser ignorados os elementos constituintes desta relação, como, a sala de aula, o tempo da aula, a forma de avaliação, o projeto pedagógico da escola, livros didáticos, as diretrizes curriculares, os desejos e necessidades do aluno, além do acervo cultural que envolve tanto o professor como os alunos.

Dada a importância desses fatores, a pesquisa pergunta: Como ensinar Filosofia no ensino médio? Quadro N° 3.

Quadro N° 3 – Segunda pergunta da pesquisa.

<b>Como ensinar Filosofia no ensino médio?</b>
“Por meio das aulas contextualizadas, procurando sempre unir o saber teórico com a vivência do aluno.” <b>(entrevistado, PE1).</b>
“Ensinar de maneira lúdica entendível e dinâmica.” <b>(entrevistado, PE2).</b>
“A filosofia deve ser falada em uma linguagem simples, com exemplos do nosso cotidiano para que o educando possa compreender.” <b>(entrevistado, PE3).</b>
“Principalmente se utilizando dos meios midiáticos, para tornar a disciplina mais atrativa, mais palatável.” <b>(entrevistado, PE4).</b>

Fonte: Próprio autor.

Observa-se que os professores buscam imperiosamente a integralização da vivência, cultura e valores que os alunos carregam com os conhecimentos discutidos no contexto filosófico, unindo a teoria à convivência do aluno de forma lúdica, utilizando-se de linguagem simples e compreensível para facilitar o entendimento dos fundamentos filosóficos em suas aulas.

Em suas formulações, Libâneo (2002) recomenda que há de se pensar a didática como um, conjunto de atribuições do professor e dos alunos sob a direção do professor, visando a assimilação ativa pelos alunos dos conhecimentos, habilidades, hábitos, atitudes, como forma de desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais.

Rondon (2013) entende que é impossível reunir em um texto todas as possibilidades para práticas do ensino. Mesmo assim o autor infere algumas perspectivas em relação ao ensino da Filosofia, propondo que as aulas iniciem com temas sugeridos pelos alunos, mediado pelo professor.

Ao longo da história e nos dias atuais, a Filosofia continua sendo considerada um estudo com menor importância diante das demais disciplinas que compõem o currículo do ensino médio no Brasil. Muitas vezes é vista como um tempo a ser tomado emprestado de outras matérias tidas como “mais importantes”.

Diante de tais observações, a pesquisa pergunta: As disciplinas Matemática, Língua Portuguesa, História e outras, já são consolidadas no imaginário escolar. Neste contexto a Filosofia ainda é vista como uma disciplina estranha? Quadro N° 4.

Quadro N° 4 – Terceira Pergunta da entrevista.

<b>As disciplinas, Matemática, Língua Portuguesa, História e outras, já são consolidadas no imaginário escolar. Neste contexto a filosofia ainda é vista como uma disciplina estranha?</b>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Não vejo assim, vejo que ela vem ganhando espaço e que os alunos a consideram uma disciplina interessante e isso nos estimula.” <b>(entrevistado, PE1).</b>
“Estranha não, mas desnecessária para muitos sim, principalmente para o Estado, pois impõe que seja apenas 1h/aula semanal e as demais duas ou três aulas.” <b>(entrevistado, PE2).</b>
“Na verdade é vista como uma disciplina sem importância, até para os próprios pais dos alunos.” <b>(entrevistado, PE3).</b>
“Sim, mas utilizamos os meios lúdicos para estimulá-los a quebrar esse paradigma.” <b>(entrevistado, PE4)</b>

Fonte: Próprio autor.

Os entrevistados PE1 e PE2 não consideram a Filosofia uma estranha, para eles a disciplina vem despertando interesse dos alunos e apontam que o Estado é quem mais impede a relação do aluno com a disciplina, ao dispor de apenas 1h/aula semanal. PE3 e PE4 observam alguns preconceitos com a Filosofia, mesmo assim, procuram mostrar aos alunos a importância dessa disciplina na sua formação, procurando quebrar esta visão distorcida.

Entretanto, Rondon (2013) afirma que a Filosofia é sim uma estranha na sala de aula e mesmo que por forma da lei ela seja obrigatória, ainda precisa marcar a sua presença para legitimar-se.

Para Barbosa (2005), é recorrente a atuação desqualificada e alienante de docentes nas escolas de ensino médio, isso se constitui em um dos fatores que contribui para a falta de interesse dos alunos. O autor relaciona a sua posição às práticas desconexas de professores não habilitado tecnicamente para o ensino da disciplina.

Na concepção de Rondon (2013), o ensino da filosofia na educação básica nos revela uma infinidade de distintos sujeitos, com formas diferentes de organizar a vida. Diz o autor que, não são somente jovens que estão no ensino médio, existem pessoas da terceira idade que não puderam estudar quando jovens e que hoje ingressaram por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), isto exige maior atenção dos professores dessa disciplina, que devem atentar para os valores culturais e conhecimentos desses estudantes.

A reflexão de Roberto Rondon leva a pesquisa a perguntar: Ensinar para quem a Filosofia? Como conciliar os conhecimentos produzidos pela Filosofia e as mais distintas situações encontradas nas salas de aulas? Quadro N° 5.

Quadro N° 5 – Quarta pergunta da pesquisa.

<b>Ensinar para quem a Filosofia? Como conciliar os conhecimentos produzidos pela filosofia e as mais distintas situações encontradas na sala de aula?</b>
“Para os jovens em formação do saber sistemáticos. A maneira mais eficaz de conciliar esse saber é exemplificar os temas filosóficos com os acontecimentos do cotidiano do aluno.” <b>(entrevistado, PE1).</b>
“Ensinar para jovens entre 15 a 17 anos, conciliando o conhecimento filosófico ao conhecimento

cotidiano. Sempre trazendo exemplo para a sala de aula, do cotidiano do aluno.” (entrevistado, PE2).

“Ensinando não somente para o ensino médio, mas sim, para uma vida. Falamos sobre variados temas como por exemplo: ética, felicidade, existencialismo e a importância de um ser racional e emocional também.” (entrevistado, PE3).

“Justamente tentando fazer a ponte entre a teoria e prática, ou seja, “jogar” a teoria para a interpretação no cotidiano – dia a dia.” (entrevistado, PE4).

Fonte: Próprio autor.

A maioria dos pesquisados referem-se a um público jovem e trabalham sempre no sentido de conciliar os conhecimentos filosóficos aos conhecimentos e valores de cada um aluno. É, portanto, um dos desafios que o professor de Filosofia precisa enfrentar na sala de aula.

Por conseguinte, Tomazetti (2012) enfatiza que é preciso considerar que o aluno muitas vezes não chega com um capital cultural esperado e julgado adequado para esse entendimento dificultando ainda mais a tarefa do professor. Em razão disso, ensinar o estudante a pensar é tarefa imprescindível nos dias atuais.

Segundo Aspis (2004), o professor tem o papel de provocar os alunos para que tenham ideias, motivando-os a participarem de uma disciplina vista como especulativa, é preciso que as aulas de Filosofia sejam um espaço para criação de ideias, pensamentos e novos conceitos.

O ensino de Filosofia, diferente das demais disciplinas do currículo do ensino formal está sempre cercada de desafio. Esse ensino se torna desafiador a partir do seu espaço na aplicação quanto ao seu tempo reduzido, uma hora/aula semanal impossibilita o melhor desempenho tanto do professor como dos alunos, visto que se trata de um conhecimento que requer discussão e debates para o seu melhor desempenho e entendimento.

Os entrevistados desta pesquisa transformaram estes e outros desafios enfrentados em motivações, tentando transformar a sala de aula em um ambiente favorável para o melhor entendimento desse conhecimento. Dessa forma, o quadro N° 6 apresenta nas palavras dos professores, como e porque este desafios se tornaram motivadores ao ensino de Filosofia nas suas escolas.

**Quadro N° 6 - Desafios motivadores para os professores de Filosofia.**

“Desafiados a afastar a ideia de que a filosofia é uma disciplina sem importância dentro do contexto escolar formal.”

“Motivados pelo desafio de trabalhar com adolescentes que necessitam de clareza para desenvolver de suas criticidades e construção cidadã.”

“O desafio ao ensino desse conhecimento é motivador por ser um ensino apaixonante que leva o aluno à maior idade intelectual.”

“Desafiado e motivado a tentar ajudar os estudantes a esclarecer e evidenciar os fatos importantes à sua formação intelectual.”

Fonte: Próprio autor

As escolas nas quais a pesquisa acompanhou algumas aulas foi perceptível que os professores estão sempre motivados a quebrar as barreiras que por ventura se apresentarem, são sempre turmas jovens, entretanto, em sua maioria interessados na disciplina e inclusive com propostas para discussão dos mais diversos assuntos do dia a dia, como, a ética, a política, a escola e a própria Filosofia como conhecimento.

### **Considerações finais**

O ensino de Filosofia nunca foi simples, a natureza do conhecimento filosófico como disciplina diferente de outras exige um esforço maior. O ensino desse saber foi prejudicado ao longo dos tempos políticas educacionais contrárias à sua existência e pela ausência de professores com formação específica.

Ao ensinar a filosofia o educador precisa conhecer a sua realidade de trabalho e deve estar atento às necessidades dos alunos. Depreende-se que os professores entrevistados tiveram esse cuidado, além de suas formações específicas, buscaram utilizar os valores e vivência de cada aluno, relacionando-os aos estudos filosóficos.

É fato que ensinar unicamente a história da Filosofia pode não ser atrativo ao estudante, deve-se neste contexto refletir sobre as formulações de Tomazetti, que orienta o professor para o cuidado com o capital cultural de alguns alunos. Todavia, talvez fique mais difícil entender o ensino da Filosofia sem recorrer à sua referência histórica. Desta forma, ainda que o educador opte por discutir temáticas, obrigatoriamente ele necessitará da base histórica para que os educandos tenham melhor conhecimento.

Assim, o educador evitará que o aluno encontre dificuldades na associação com as teorias. Como afirma Rondon, “o educador precisa estar entre o conhecimento e o estudante, para facilitar o seu entendimento”.

O método é indispensável, todavia, não existe um princípio único, ou seja, não existe um método filosófico capaz de incluir todo o contexto de uma sala de aula. Logo, percebe-se que os docentes aqui entrevistados buscaram sempre o método que mais simplificasse o estudo dessa disciplina.

A partir dos conteúdos das entrevistas e o que se observou em algumas aulas, considera-se que os objetivos deste trabalho foram alcançados, ao constatar-se que mesmo diante de inúmeros desafios, os professores se mostraram motivados no sentido encontrar a melhor forma de inserir os conhecimentos filosóficos no dia a dia dos seus alunos.

Diante das observações apontadas, entende-se que não se encerra neste breve trabalho toda a exposição dos inúmeros desafios que envolvem o ensino da Filosofia como disciplina na educação formal. Tem-se a certeza de que são necessárias análises mais aprofundadas para que se tenha entendimento mais detalhado deste processo. No que se refere diretamente ao objeto deste trabalho, sugere-se estudos posteriores com foco na análise de outros processos que justifiquem a inserção da Filosofia como disciplina imprescindível para a construção e formação da cidadania do jovem estudante.

## **Referências**

ASPIS, R. P. L. O professor de filosofia: **o ensino de filosofia no ensino médio com experiência filosófica**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 24, n. 64. 2004.

BARBOSA, C. L. A. **A filosofia no ensino médio e suas representações sociais**. Niterói. Tese (Doutorado em educação-área Cotidiano Escolar) – Universidade Federal Fluminense, 2005.

BRASIL. Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. MEC. Ensino de 1º e 2º grau.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília – DF.

BRASIL, Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Semtec/MEC, 1999.

BRASIL. Lei nº. 11.684, de 02 de junho de 2008. **Torna obrigatório o Ensino das disciplinas de Filosofia e Sociologia no ensino médio**. Brasília DF.

CERLETTI A. **Ensino de filosofia e filosofia do ensino filosófico**. In: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. (Org.). Filosofia do ensino de filosofia. Petrópolis: Vozes, 2003.

Chauí, M. (1995). Espinosa: **uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia para uma Geração Consciente**. São Paulo: Ed. Saraiva, 1988. 3ª edição.

FAVARETTO, C. **A filosofia e o seu ensino**. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G. (Org.). Ensinar filosofia: volume 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

GALLO, Sílvio. **A especificidade do ensino de Filosofia: em torno dos conceitos**. In: PIOVENSAN, Américo et al. (orgs.). Filosofia e Ensino em debate. Ijuí: Ed. Injuí, 2002.

GALLO. S. **A Função da Filosofia na Escola e seu Caráter Interdisciplinar**. In: Seminário

A Filosofia no Ensino Médio: legislação e conteúdo programático - parte III. Depto. de Educação. UNESP/Rio Claro.2003.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GONTIJO, Pedro E. **Os professores de Filosofia no Ensino Médio Regular das escolas públicas do Distrito Federal**: práticas e sentidos em construção.2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática – velhos e novos temas**. 2002.

RONDON, Roberto. **Entre o universalismo da tradição filosófica e a diversidade local nas escolas e seus sujeitos**. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G. (Org.). Ensinar filosofia: volume 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

SÁ JÚNIOR, L. A.; BIELA, J. Apresentação. Natal, RN: EDUFRN, 2012. In: **Filosofia no ensino médio: desafios e perspectivas**.

SOARES, W. L. O. **Um estudo sobre os desafios de ensinar filosofia nas escolas com ensino médio na cidade de Barbacena/MG**. São João Del Rei. 85 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação - Universidade Federal de São João Del Rei, 2012

TOMAZETTI, E. M.; BENETTI, C. C. **Formação do professor de Filosofia**: entre o ensino e a aprendizagem. Revista Diálogo Educacional. Curitiba. 2002.

TOMAZETTI, E. M. **Filosofia como disciplina: entre a instituição a vigilância e o pensar filosófico**. In: JÚNIOR, L. A. S.; BIELA, J (Org.). Filosofia no ensino médio: desafios e perspectivas. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

VELOSO, Arthur Versiani. **O estudo da Filosofia**. Belo Horizonte: Edições Júpiter, 1968.